



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA.
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICA PEDAGÓGICA

MARILUCIA SANTOS DE OLIVEIRA

**LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS
ALUNOS DA EJA**

JOÃO PESSOA – PB
2014

MARILÚCIA SANTOS DE OLIVEIRA

**LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS
ALUNOS DA EJA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador. Drº Antonio Augusto Pereira de Sousa

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

Oliveira, Marilucia Santos de

Leitura e Escrita no Processo de Ensino e Aprendizagem dos Alunos da EJA [manuscrito] : / Marilucia Santos de Oliveira. - 2014.

45 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Técnico, Médio e Educação a distância, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Antonio Augusto Pereira de Sousa, Departamento de Química".

1. Leitura. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Ensino aprendizagem. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

MARILÚCIA SANTOS DE OLIVEIRA

**LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 14 / 06 / 14

Banca examinadora



Prof. Dr. Antonio Augusto Pereira de Sousa – DQ/CCT/UEPB

Orientador



Profª Dra. Djane de Fátima Oliveira – DQ/CCT/UEPB

Examinadora



Profª MSc. Wanda Izabel Monteiro de Lima Marsiglia - DQ/CCT/UEPB

A Deus, pela sua imensa generosidade, em dotar-me de sentidos e forças para superar todo o obstáculo surgido durante a realização deste curso.

Aos educandos e educadores da educação de jovens e adultos.

Em especial, aos alunos e professora da 1ª e 2ª fase da Escola Estadual Do Ensino Fundamental Antônio Pessoa, pela grande colaboração que deram para a realização deste trabalho.

AO Meu orientador Antônio Augusto Pereira De Souza, pela compreensão, paciência e competência que demonstrou na orientação desta pesquisa.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus que através de sua infinita sabedoria e apesar de conhecer minhas limitações humanas comigo dando-me força e coragem para enfrentar os obstáculos do dia-a-dia e celebrar mais uma vitória.

Aos meus pais por terem me ensinado a caminhar, falar e a viver;

Aos meus familiares, que sempre acreditaram em mim, e, sobretudo a meus filhos e esposo que sempre buscaram me incentivar nas horas difíceis;

Aos colegas de curso, pela reciprocidade de aprendizagem vivenciada em nossos encontros;

A todos os mestres do curso de especialização em prática pedagógica , pelo incentivo e dedicação em nossa jornada;

Obrigada Senhor!!!

RESUMO

O presente trabalho aborda a “Leitura e a escrita no processo de ensino e aprendizagem dos alunos de EJA” e reflete sobre as dificuldades que eles apresentam no desenvolvimento no processo e aquisição das habilidades de ler e escrever e nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelo educador em sala de aula. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi analisar as práticas educativas utilizadas pelo professor para o ensino da leitura e escrita dos alunos da 1ª e 2ª fase da EJA. Essa análise possibilitou a identificação dos recursos didáticos e metodologias utilizadas pelo educador para o ensino da leitura e da escrita, buscando compreender as reais condições de ensino oferecido a estes alunos, desenvolvendo lhes o gosto pela leitura. Entende-se que a leitura e a escrita tem um papel importante no aprendizado dos seres humanos, uma vez que pode favorecer o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos mesmos, fazendo não ler somente palavras, mas darem significados ao mundo. Como suporte teórico para realização desta pesquisa foi adotada leituras de vários livros e textos de autores, como: Freire, Soares, Bamberger, Arroyo, Filho. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, utilizando como instrumentos de coletas de dados a entrevista e os questionários. Após a análise dos dados coletados foi possível concluir que existe uma diferença entre a prática pedagógica do professor e o aprendizado dos alunos no que se refere a leitura e a escrita.

Palavras-chave: Leitura, escrita, educação de jovens e adultos, ensino aprendizagem.

Lista de Tabela

Tabela 1: Textos preferidos para ler	32
Tabela 2: Que tipo de textos gosta de escrever?.....	34
Tabela 3: Atividades que mais/menos gostam	35
Tabela 4: Que atividades abaixo, gostariam que fosse realizada com maior frequência nas aulas?.....	36

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	11
2.2 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	13
2.3 O QUE É LEITURA E ESCRITA?	14
2.4 IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA.....	15
2.5 A EJA E A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR E ESCRITOR.....	17
2.6 POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA E A FORMAÇÃO DE MEDIADORES.....	19
2.7 PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA	20
3. METODOLOGIA	23
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	23
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	23
3.3 CONTEXTO DE ESTUDO.....	24
3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	24
4. INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	25
4.1 DADOS REFERENTES AO QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR.....	25
4.2 DADOS REFERENTES AOS QUESTIONÁRIOS DO ALUNO.....	30
4.2.1 Faixa etária, sexo e tempo de estudo na EJA	30
4.2.2 Gosto pela leitura.....	31
4.2.3 Gosta de escrever?	33
4.2.4 Em qual atividade tem mais dificuldade: leitura ou escrita?	34
4.2.5 Atividades de leitura e escrita que o professor realiza com frequência?	36
4.2.6 De que forma a aprendizagem da leitura e da escrita pode ajudá-los na sua vida? Como?	37
5. CONCLUSÃO	39
6. REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE	42
APÊNDICE A.....	43
APÊNDICE B.....	45

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa intitulada “Leitura e escrita no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da EJA” foi realizada na Escola Estadual do Ensino Fundamental Antônio Pessoa, na turma da 1º e 2ºano da 1ª fase, onde observei as dificuldades que os alunos apresentavam no desenvolvimento do processo de aquisição de leitura e da escrita. Os motivos que me levaram a pesquisar essa temática estão relacionados às experiências e conhecimentos adquiridos enquanto profissional da área de educação e das observações das dificuldades enfrentadas com o ensino aprendizagem da leitura e da escrita na EJA.

Uma das hipóteses levantadas para a pesquisa aponta que as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores no ensino de leitura e da escrita não atendem aos anseios destes sujeitos que necessitam reconhecer que podem desenvolver seu potencial, ampliar seus conhecimentos e conquistar novos horizontes. Nesse sentido, a leitura e a escrita têm papel fundamental em seu aprendizado, uma vez que pode favorecer o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos alunos, ajudando-os a compreender e a participar da realidade de vida que os rodeia.

Assim, para a realização desta pesquisa, buscou-se melhor compreensão do tema abordado em leitura de livros, análise e interpretação de vários textos que favorecem a construção e ampliação dos meus conhecimentos prévios a respeito de teorias sobre leitura e escrita na educação de jovens e adultos. Autores como Bamberger, Arroyo, Freire, Bilger, Martins, Soares e outros deram suas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa.

Com a realização das pesquisas bibliográficas e com a compreensão das práticas educativas dos professores utilizadas para o ensino da leitura e da escrita, buscando compreender ainda as dificuldades que os alunos apresentam no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, a pesquisa foi realizada utilizando como instrumento para coleta de dados a entrevista individual aplicada aos alunos e o questionário ao professor, objetivando uma análise mais detalhada do problema em questão. Os instrumentos utilizados foram elaborados previamente com questões que me ajudaram a analisar as reais condições do ensino da leitura e escrita oferecidas aos alunos da 1ª fase, assim como o perfil do professor, as metodologias e didáticas usadas para desenvolver o trabalho em sala de aula.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho consiste em compreender melhor a problemática levantada, buscando analisar com mais clareza o ensino e aprendizagem da

leitura e da escrita oferecido aos alunos da EJA, numa perspectiva de melhorar a qualidade da educação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O campo da Educação de Jovens e Adultos tem uma longa história marcada por indefinições, voluntarismo, campanhas emergenciais, soluções conjunturais que lutam por uma especificidade para esta modalidade de educação até então sem um reconhecimento por parte do poder público. A configuração da EJA como campo específico de responsabilidade pública do estado é sem dúvida nenhuma uma política recente. De acordo com Arroyo (2006).

Existem alguns indicadores promissores advindos de pesquisas que visam conhecer um pouco mais essa modalidade de ensino na tentativa de configurar a EJA, como: as pesquisas de reflexões teóricas desenvolvidas pelas universidades neste sentido; além disso, as políticas públicas voltadas para este público; e o fato de o estado assumir o dever de responsabilizar-se publicamente pela EJA; criando estruturas gerenciais específicas para a EJA nas secretarias estaduais e municipais. São fatores que sinalizam para uma maior organização da EJA.

Com todas estas iniciativas surge uma nova maneira tanto do Estado quanto da sociedade tratar o tema da EJA, agora com mais compromisso, profissionalização, assumindo a responsabilidade relativa a dívida social com nossos jovens e adultos que precisam e têm o direito de serem reconhecidos na sua vida humana, social e cultural desses tempos de vida como tempos de direitos. Essa trajetória escolar vivida pela Educação de Jovens e Adultos precisa ser superada, garantindo os direitos específicos de um tempo de vida dos sujeitos que a vivenciam, construindo a educação de jovens e adultos como um campo de responsabilidade pública. De acordo com a LDB nº. 9394 em seu artigo 1º e 2º.

A educação de jovens e adultos tem de partir, para sua configuração como campo específico, da especificidade desses tempos da juventude e vida adulta e da especificidade dos sujeitos concretos históricos que vivenciam esses tempos. Tem de partir das formas concretas de viver seus direitos e da maneira peculiar de viver seu direito a educação, ao conhecimento, à cultura, à memória, à identidade, à formação e ao desenvolvimento pleno (BRASIL, 1996).

Por décadas, foram vistos apenas em suas trajetórias escolares fechadas com visões totalmente negativas, como alunos evadidos, reprovados, defasados, desistentes, com

problemas de aprendizagem, não concluintes do ensino fundamental. Sem dúvida que um dos olhares sobre estes jovens e adultos é vê-los como alunos, porém não para discriminá-los, colocá-los à margem do analfabetismo por incompetência ou descaso com sua educação, mas vê-los como alunos privados dos benefícios que a escolarização deveria garantir, possibilitando serem reconhecidos como sujeitos com direitos humanos, que lhes garanta uma educação de qualidade.

A educação de jovens e adultos avançará na sua configuração como campo público de direito na medida em que o sistema escolar também avançar na sua configuração como campo público de direitos para os setores populares em suas formas concretas de vida e sobrevivência.

Na história da EJA e na forma de vida dos seus alunos e alunas pode-se observar a luta pela sobrevivência, entre os limites de opressão e exclusão em que são forçados a ter que fazer escolhas entre estudar ou sobreviver, articular o tempo rígido da escola, imposto pelo sistema escolar com o tempo imprevisível da sobrevivência. Assim, deve ser aprendido pelo sistema escolar que o atendimento a esses alunos deve ser coerente com a vida que esta clientela vive. Portanto, o diálogo travado entre os estabelecimentos de ensino e a EJA deve ser mais político, guiado por opções políticas, por garantias de direitos de sujeitos concretos, não por direitos abstratos de sujeitos abstratos.

O educando, é o eixo central mais permanente entre o sistema escolar e a EJA, sua realidade socioeconômica e seus traços culturais devem merecer a atenção nas pesquisas e na formulação de políticas para esse campo público.

O sistema escolar, antes, desenvolvia suas políticas públicas pautadas nas trajetórias escolares dos alunos, em seu sucesso e fracasso escolar, em seus problemas de aprendizagem, perdendo de vista as perversas formas de viver deste público desde a infância à vida adulta. Agora, com a politização da educação e da categoria docente, os avanços das teorias pedagógicas e da consciência dos direitos políticos e sociais, o sistema escolar tem mudado voltando-se, hoje, para valores mais igualitários, por trajetórias mais humanas.

Neste sentido, a configuração mais pública da EJA terá que dialogar com as tentativas de reconfiguração do sistema escolar para assim construir políticas públicas que venham de fato e de direito a reconhecer a Educação de Jovens e Adultos como direito do cidadão tanto quanto o direito da criança à escolarização.

2.2 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos desde seus primórdios até os dias atuais tem passado por mudanças tanto na concepção teórica quanto na legislação do nosso país.

Segundo Soares (2002) as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação de Jovens e Adultos foi elaborada graças ao esforço e dedicação de muitos educadores que com conhecimento de causa, sentiram a necessidade de lutar para que de fato houvesse um documento que regulamentasse esta modalidade de ensino. Desde então, a EJA passa por momentos de transição em busca de um reconhecimento social. As práticas desenvolvidas nos movimentos sociais, nas organizações não governamentais, nos governos municipais, nas universidades foram ressignificando a Educação de Jovens e Adultos. Hoje esta modalidade de ensino é marcada por grandes mudanças resultantes do rompimento com a padronização que marcou a educação de jovens e adultos a partir da LDB 5.692/71.

Depois do período de censura, de perseguição e de forte repressão nas décadas de 1960,1970 e meados de 1980, a educação de jovens e adultos passa por momentos de efervescência em todo o país. Estudos e pesquisas vêm demonstrando que os jovens e adultos assumem-se como portadores de direitos, reivindicando com isso o cumprimento do dever do Estado para com essa modalidade de ensino. A Constituição de 1988 busca garantir esse direito ao jovem e adulto.

A Constituição Brasileira de 1988 estabelece o direito à educação de jovens e adultos quando expressa no art. 208 que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de: I - Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria. Até então de acordo com o parecer 699/72, este direito era apenas aos pertencentes à faixa etária dos 07 aos 14 anos, correspondendo ao antigo “ensino de 1º grau “. (SOARES. 2002, p. 11).

O parecer 11/2000 é o texto que regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA. Aprovado na Câmara de Educação Básica em maio de 2000. O parecer é um documento importante para se entender os aspectos da escolarização dos jovens e adultos no interior de um campo mais abrangente que é o da Educação de Jovens e Adultos.

2.3 O QUE É LEITURA E ESCRITA?

Ler e escrever são habilidades necessárias e importantes na vida dos seres humanos, pois ajudam no desenvolvimento do intelecto e conhecimentos adquiridos na vida cotidiana.

Zilberman (2009) desde a antiguidade, a escrita e a leitura ocupam um lugar relevante como instrumento necessário ao funcionamento da sociedade, já que conferiam materialidade aos bens em circulação que fossem propriedade e negócios, ou crenças e literatura. Contudo, seu emprego não era homogêneo, ainda que contassem com instituições destinadas à sua transmissão, como a escola, criada para tal fim, ou como a religião, que as valorizavam por considerá-las poderosas ferramentas de acesso e difusão dos textos considerados sagrados.

O conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, integra por tradição o processo de formação global do indivíduo, sua capacitação para o convívio e atuações sociais, políticas, econômicas e culturais. Saber ler e escrever, entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres.

Entre os antigos, saber ler era privilégio de poucos e o aprendizado se baseava em disciplina rígida, por meio de método analítico caracterizado pelo processo passo a passo: primeiro, decorar o alfabeto; depois, soletrar. Por fim, decodificar palavras isoladas, frases, até chegar a textos contínuos. O mesmo método sendo aplicado para a escrita.

Apesar de séculos de civilização, hoje as coisas não são muito diferentes. Aprender a ler se resume à decoreba de signos linguísticos, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

As inúmeras concepções vigentes sobre leitura podem ser sintetizadas em duas caracterizações: como decodificação mecânica de signos linguísticos; por meio de aprendizado estabelecido a partir de condicionamento estímulo – resposta e como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos.

Em face disso, aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. Para Freire (1996) aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender ler o mundo,

compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ler e escrever não são meramente repetições de sons e grafias de palavras, mas interpretar as palavras dentro do contexto que esteja inserida, compreendendo seu sentido dentro do texto e relacionando a linguagem e a realidade.

Numa nova concepção “saber ler e escrever”, a que se tem mostrado mais produtiva na alfabetização de jovens e adultos é a que enfatiza a dimensão social, tanto da aprendizagem de leitura e produção de textos quanto do uso dos materiais escritos. Esta concepção não está apenas preocupada com o domínio das letras por cada aluno, mas com conhecimento das funções sociais dos textos escritos e a percepção da necessidade de adquirir o código para poder ler e escrever. Se o sujeito não conhecer as funções sociais de um texto, a aquisição do alfabeto passará a ser uma habilidade necessária para ler e escrever os textos escolares, os quais nem sempre refletem a diversidade textual presente nos textos.

Entendo que ler e escrever são funções diferentes, mas que devem estar relacionadas entre si, pois o leitor além de decifrar códigos, fonemas, deve ser capaz de compreender sua leitura com uma visão crítica baseada em sua realidade. Assim sendo, o escritor por sua vez, além de grafar os códigos e fonemas deve ao escrever se preocupar com o que e para quem escreve, tendo a compreensão que quem vai ler é um sujeito com opinião própria que precisa entender a escrita para assim difundir-la, compará-la e, se necessário, dependendo do entendimento do outro, modificá-la.

2.4 IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA

A leitura e a escrita são essenciais para o desenvolvimento social e cultural do indivíduo. Sendo assim, é importante formar o hábito de ler e escrever nos indivíduos, mostrando que esta habilidade é uma porta aberta para a expansão dos seus conhecimentos e da sua formação geral enquanto cidadão. Todas as autoridades, professores, pedagogos, pais, comunidade escolar precisam estar cientes sobre a importância da leitura e da escrita e da forma de buscá-las. Assim poderão contribuir com convicção para o ensino e a aprendizagem dos indivíduos. O desenvolvimento competente dessas habilidades ajuda o sujeito a melhor integrar-se em seu contexto social, participando efetivamente da vida social e promovendo o desenvolvimento social e cultural de sua família.

O privilégio de saber ler e escrever que outrora era disponibilizado apenas a uma mente culta, nestas últimas décadas, com os avanços tecnológicos e econômicos, tornou-se

uma necessidade para todos aqueles que querem participar dos processos sociais, culturais e políticos do meio no qual vive.

O “direito de ler” significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir, sendo considerado um processo mental de vários níveis que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. O processo de aprender a ler desde transformar símbolos gráficos a conceitos intelectuais exige grande esforço cerebral, constituindo ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. Essa aprendizagem proporciona a aquisição de conceitos que podem ser trazidos à tona quando necessários, mostrando assim o processo de compreensão da leitura e os avanços no desenvolvimento do intelecto.

Nesse sentido, a leitura é uma forma exemplar de aprendizagem que favorece ao indivíduo vivenciar e se apropriar de uma variedade de situações sociais e culturais que ajuda a desenvolver no ser humano os aspectos intelectuais, sociais e culturais. Sendo assim, podemos considerar a leitura um dos meios mais eficazes para o desenvolvimento sistemático da linguagem oral e escrita e da personalidade, promovendo as aprendizagens do indivíduo e ajudando-o a interagir com a diversidade de linguagens contidas no mundo globalizado.

Alguns autores consideram que a tecnologia, embora sendo um avanço para o mundo moderno, tem provocado o afastamento do indivíduo da busca pela leitura. Outros autores, no entanto, entendem que a tecnologia oferece uma riqueza de pesquisas literárias e uma oportunidade para outros conhecimentos linguísticos e até mesmo, o desenvolvimento de um outro tipo de leitura, a de textos virtuais.

Nesse sentido, apesar dos avanços tecnológicos, os livros não perdem sua importância e dificilmente serão ultrapassados. Eles têm valor fundamental para os leitores, são um auxílio na tarefa de atingir a meta educacional e pode ajudá-los a estabelecer um conceito global do mundo. Entendo que o hábito de ler pode levar o indivíduo a buscar além da leitura necessária a sua formação educacional, a autoeducação bem como a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre determinado assunto. Assim, a leitura favorece a pesquisa, o desenvolvimento da capacidade crítica do leitor, habilitando-o a fazer escolhas entre os diversos textos e os diferentes modos de ler necessários na comunicação verbal, na oral, na escrita ou na tecnológica. Portanto, a leitura tem vantagens únicas comparada a outros recursos, conforme nos diz Bamberger (2008, p.13).

Comparada ao cinema, ao rádio e à televisão, a leitura tem vantagens únicas. Em vez de precisar escolher dentre uma variedade limitada a sua disposição por cortesia do patrocinador comercial, ou entre os

filmes disponíveis no momento, o leitor pode escolher dentre os melhores escritos do presente ou do passado. Lê onde e quando mais convém, no ritmo que mais lhe agrada, podendo retardar ou apressar a leitura, interrompê-la, reler ou parar para refletir, a seu bel-prazer. Lê o que, quando onde e como bem entender. Essa flexibilidade garante o interesse contínuo pela leitura, tanto em relação à educação quanto ao entretenimento.

Embora a tecnologia venha dando sua contribuição através dos meios de comunicação existentes, o ato de ler livros e textos é preferencialmente o mais prazeroso e proveitoso para a formação do leitor, pois além de poder selecionar a sua leitura preferida e fazê-la ao seu modo, pode optar por horários, textos, livros e outras variedades de leituras que mais lhe interessar e caso não sinta mais vontade de prosseguir, pode parar e escolher outra, fazer comparações, críticas e desenvolver assim o hábito de ler compreendendo a importância desta habilidade para a sua formação como leitor e como ser social. (BAMBERGER, 2008).

A importância do desenvolvimento do hábito de ler é tarefa primordial entre educadores e familiares, seus interessados responsáveis pela educação, por se tratar de um requisito fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo, transformando ideias, sentimentos, conceitos, construindo uma compreensão ampla sobre a sociedade e promovendo uma educação permanente.

2.5 A EJA E A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR E ESCRITOR

A frase “ler para escrever”, já esteve ou está na fala da maioria dos professores que a repetem, quase que diariamente em suas salas de aula, assim os alunos ouve-a desde os primeiros anos da escola até a formação superior. De fato, a leitura e a escrita feitas diariamente, quer seja de palavras, frases, textos, livros é sim uma necessidade para o letramento, visando melhorar os conhecimentos, a compreensão e a interpretação. Para avançar a escrita, é preciso a prática, não podendo ser um ato sem compromisso, pelo contrário exigindo intenção e atividades bem definidas, que tenham como objetivos a leitura para produção da escrita. Segundo Nemirovisky (1997, p.234) “as atividades de leitura sempre têm uma finalidade. Em nossa vida diária como leitores, lemos para alguma coisa e é essa busca que determina o material selecionado e o nosso modo de ler”.

Lemos quase sempre o que nos interessa, com um objetivo sobre o material selecionado para a leitura e com uma maneira própria de ler.

A leitura para escrever é um momento especial que coloca os leitores numa posição de leitor diferente, pois eles terão que escrever sobre o que leu ou o que lhe foi solicitado através de alguma atividade. Tendem a se preocuparem com o que vai escrever, desde a ortografia até a contextualização, levando em conta se os leitores vão entender, compreender o que de fato escreveu.

Por esta preocupação do leitor com a escrita, pode-se analisar a importância do incentivo e do estímulo, que sem dúvida, auxiliam muito os indivíduos na busca pela melhoria da leitura e da escrita.

Para desenvolver esta prática, os professores são peças fundamentais, uma vez que estão diante do aluno, na sala de aula, sendo a pessoa capaz de lhe mostrar os caminhos a serem percorridos no sentido de desenvolver sua prática com eficiência, com capacidade de ler e compreender os textos. Saber diferenciar a leitura de diferentes gêneros e tipos textuais pode ajudar o aluno a compreender melhor os sentidos do texto, e assim poder escrever sobre o que leu dando ênfase aos fatos, assunto abordado na leitura feita. De acordo com Bilger (1997, p. 118):

Para motivar o aluno a escrever quando ele mesmo muitas vezes dá a impressão de ter uma certa resistência a essa forma de comunicação -- --, a postura do ambiente escola é de optar, além dos escritos tradicionais, pela elaboração de cartas, notícias de jornais, biografias, etc.

O professor precisa sem dúvida ser um bom leitor e escritor para assim poder mediar esta atividade tão importante para formação dos alunos. Incentivar os alunos a ler e escrever tem como objetivo oportunizá-los o contato com uma diversidade de textos, livros e formas de leituras, favorecendo também a escrita através de produções textuais, que lhes possibilite aproximar com os contextos de escrita do seu cotidiano. Assim, os professores devem ajudar e orientar os alunos nas dificuldades de escrita desde a ortografia até a contextualização, pois estes pontos são relevantes no tocante ao medo do erro e a insegurança, que muitas vezes bloqueiam o desenvolvimento da leitura e da escrita. Caso o professor não conheça as etapas do desenvolvimento da leitura e escrita, ele mesmo pode impedir que seus alunos progridam e até mesmo rejeitem a idéia de ler e escrever, porque acham-se incompetentes e incapazes de realizar esta tarefa.

Portanto, a formação do professor enquanto leitor e escritor é um pré-requisito indispensável para que os alunos jovens e adultos também desenvolvam esta prática com

eficiência, se tornando um leitor assíduo, crítico e competente que entenda a complexidade do ato de ler e escrever, tornando-se leitores críticos.

2.6 POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA E A FORMAÇÃO DE MEDIADORES

Apesar do trabalho pioneiro, realizado durante muitos anos em vários estados brasileiros em décadas anteriores, o Brasil somente iniciou a construção de uma política nacional de livro e leitura, com perspectiva de vir a ser política de Estado, a partir de 2003, com a promulgação da Lei nº. 10.753, a chamada Lei do Livro, sancionada pelo presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva em 30 de Outubro daquele ano. A lei, embora com muitos limites, trouxe o nascimento do tema da leitura no cenário cultural do país. A partir desta ação tivemos a realização de novos planos, programas, projetos e ações de incentivo à leitura, todos com um valor essencial na construção de um Brasil mais justo e democrático, voltado para a formação de leitores na população. (MARQUES NETO, 2009).

Com a promulgação da Lei do Livro e depois de muito diálogo entre Estado e sociedade, uma importante estratégia realiza-se com a construção e a implantação do Plano Nacional do Livro e Leitura, o PNLL, em agosto de 2006, obra exemplar de consenso e diálogo, liderada pelo governo brasileiro representado pelos ministérios da cultura (Minc) e o da educação (MEC). Essa iniciativa tem grande importância na história de luta pela leitura no Brasil e também na necessária formação de mediadores.

Os programas de formação de mediadores de leitura devem ser para todos, quero dizer todos os segmentos da sociedade, tendo o cuidado para não deixar de fora a população representada pelos portadores de deficiência física. Além disso, é preciso levar em conta a diversidade cultural, a regionalização e as pessoas que vivem nas zonas rurais do país que juntas formam grande número da população que apesar de serem considerados como “minorias”, são compostas de cidadãos brasileiros, com plenos direitos e que merecem as mesmas oportunidades de acesso à leitura. Mesmo residindo em locais afastados, longe dos grandes centros urbanos, esses brasileiros têm direito a ter como mediadores pessoas capacitadas para atendê-los em suas necessidades especiais e na diversidade cultural vista em nosso país. Como diz (SANTOS, NETO e ROSING 2009, p. 14) “o fomento à leitura, à formação de leitores e à formação de mediadores de leitura é um caminho longo a ser percorrido”.

Nosso povo de maneira geral e em especial professores e alunos ainda não despertaram para a importância do ato de ler ou não estão preparados para reconhecer a

riqueza de materiais existentes em acervos de qualidade muitas vezes fechados em caixas, abandonados em cantos, em prateleiras, jamais manuseados. Uma riqueza esquecida dentro do lugar onde deveria ser totalmente explorado “a escola brasileira”. Isso porque os profissionais que nela trabalham ou estudam não consideram o ato de ler como processo de significação que contribui para a construção do sujeito leitor e, conseqüentemente, de um cidadão mais crítico e participativo.

Assim, o caminho a ser percorrido para formar mediadores de leitura, ainda tem muitas ações a serem desenvolvidas no sentido de oportunizar aos professores cursos de formação de leitores, com o objetivo de mostrar a importância da leitura na sua profissão, dando a eles suporte teórico para desenvolver junto aos alunos projetos que venham despertar o prazer de ler.

Nesse sentido, os alunos poderão fazer a leitura de textos escolhidos por eles não apenas com o objetivo de realizar atividade. Essa leitura feita sem o compromisso com a avaliação ajuda a despertar o leitor para o mundo, possibilitando as diferentes leituras de texto e o conseqüente desenvolvimento intelectual, social e cultural do aluno, bem como, a melhor compreensão do meio no qual está inserido.

2.7 PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA

As práticas de leitura e de escrita são de fundamental importância para o bom desempenho das atividades diárias do professor, devem fazer parte do seu cotidiano, pois através das mesmas suas aulas serão enriquecidas com atividades diversificadas que com certeza ajudarão no aprendizado dos alunos. Por isso, o professor deve compreender que a leitura e a escrita são habilidades diferentes, mas não inversas e que podem ser oportunizadas aos alunos em um mesmo momento, com situações de aprendizagens diferentes, uma vez que exige aprendizados diferenciados.

A ideia de que ler e escrever são atividades inversas está muito difundida. Nela se baseiam muitos educadores que ensinam primeiro a ler, supondo que escrever surgirá como consequência. Se fossem atividades inversas seria indiferente ensinar primeiro a escrever, para logo ensinar a ler. A ênfase sobre ler em primeiro lugar para escrever depois, parece indicar que escrever é derivado da leitura. Mas, então, como se transformariam logo em coisas inversas? Se escrever derivasse da leitura, seria o caso dos sujeitos aprenderem a decodificar lendo, como se ler fosse só decodificar. Desse modo conheceriam o código e para escrever só teriam que traçar os elementos de tal código.

Portanto ler e escrever são atividades diferentes que exigem conhecimento e recursos distintos ao sujeito (NEMIROVSKY,1997, p. 220).

A prática da leitura e da escrita deve caminhar em conjunto, pois uma depende da outra. Sabe-se que quem lê é capaz de escrever sobre o que leu ou sobre sua leitura. Essa escrita, nem sempre tem a correção ortográfica desejada pelo professor, mas constitui em uma tentativa de organizar sua compreensão sobre o texto lido e quem escreve é capaz de reconhecer que para escrever usa símbolos gráficos que pode ou não fazer parte da leitura convencional da palavra ou texto, isso depende do nível de escolaridade e do aprendizado em leitura e escrita que se encontra o indivíduo.

Portanto, a habilidade de ler e escrever depende uma da outra e também das vivências com estas práticas na vida diária e escolar dos sujeitos. Assim, a responsabilidade e a formação do profissional, que trabalha com o objetivo de formar leitor e escritor, deve constar de práticas pedagógicas atualizadas e desafiadoras, que com certeza não deve se restringir, apenas aquelas que vivenciou ou aprendeu nos bancos da universidade, enquanto aluno de graduação na área da educação, mas em sua formação contínua e permanente. Alguns autores defendem uma formação e aprendizagem ao longo da vida, buscando sempre novos horizontes na esfera do conhecimento e a sua dinamização junto aos diferentes grupos de alunos com os quais desenvolve as práticas de leitura e escrita. É com esse compromisso de atualização dos conhecimentos que a prática social da leitura e da escrita adquire a sua relevância pedagógica maior, ou seja, voltada ao fazer pedagógico concreto e às transformações de que tanto precisamos nesta sociedade.

A leitura ocupa sem dúvida, um espaço privilegiado no ensino de todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a difusão da cultura e de valores para as novas gerações. Isso porque a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a participação no mundo da escrita, utilizando-se de registro verbais escritos em suas práticas de criação e recriação de conhecimentos. Assim, a leitura e a escrita enquanto um modo peculiar de interação entre os homens e as gerações coloca-se no centro dos espaços discursivos escolares.

Com essa compreensão apontam-se alguns caminhos para o incremento dos esquemas metodológicos na área das práticas de leitura e escrita escolar. Para produzir leitores e leitura, escritores e escrita, impõem-se as seguintes condições de trabalho, segundo a analogia de Silva (1991, p.17):

Sementes de boa qualidade, que germinassem as plantas e permitam o amadurecimento dos frutos; trabalhadores competentes, que cuidem do crescimento das plantas, combatendo, nesse processo as ervas daninhas e outros perigos que podem afetar a produção; domínio de conhecimento e técnicas, pelos trabalhadores, sobre esse tipo específico de cultura, sem o que não há como sustentar as etapas da produção. Equipamentos disponíveis, de modo a incrementar as fases de evolução da planta (sujeitos) e permitir melhores colheitas (aprendizado).

Sem o atendimento objetivo e equilibrado desses pré-requisitos de trabalho, o terreno (a escola e a turma) produzirá como resultado final do aprendizado em leitura e escrita, em termos quantitativos e qualitativos, leitores e escritores de baixa qualidade.

Seguindo nessa linha da analogia do autor o trabalhador – professor, tem um fundamental papel para o “cultivo” da leitura e escrita, pois ele é responsável pela preparação, adubagem e limpeza do terreno, pelo cuidado com a seleção das sementes (textos, livros, tipos e gêneros textuais) e pelo combate as ervas daninhas (desestímulo, desinteresse, autoestima, etc.) que podem colocar em risco toda a sua safra (trabalho) em desenvolver a habilidade de ler e escrever.

Assim, o professor deve ser competente e não descuidar das fases do desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, pelas quais os alunos passam, buscando condições concretas, pedagógicas e psicológicas para orientar e sustentar seu trabalho. Além disso, é importante que seja um professor leitor para que possa usufruir desse benefício social para fundamentar sua área de responsabilidade; ser experiente e estar sempre atento as ervas daninhas para que o desenvolvimento do seu trabalho não seja prejudicado; ser humilde em procurar apoio técnico de outros profissionais para enriquecer e fortalecer o seu trabalho desenvolvido em leitura e escrita dentro do ambiente escolar.

Com essa reflexão, Silva, (1991, p.19) avalia que:

Professor é o intelectual que delimita todos os quadrantes do terreno da leitura e da escrita escolar. Sem a sua presença atuante, sem o seu trabalho competente, o terreno dificilmente chegará a produzir o benefício que a sociedade espera e deseja, ou seja, leitores e escritores assíduos e maduros.

Para o autor, o cultivo da leitura e da escrita em nossas escolas está ligado ao domínio de conhecimentos e técnicas para sustentar os processos de produção da leitura, por parte dos professores. Além da observação crítica e objetiva daquilo que ocorre na sua prática diária, o trabalhador-professor precisa de teorias que dêem conta dos aspectos envolvidos no fenômeno

da leitura. Sem a leitura crítica das práticas cotidianas e sem a compreensão das teorias de leitura e escrita, o seu trabalho pode não surtir efeito, podem não ser eficientes.

Os equipamentos e os elementos de apoio, que direta ou indiretamente, colaboram com o desenvolvimento do trabalho de leitura e de escrita realizado pelo professor também serão necessários em função da complexidade e dos problemas inesperados que podem surgir na fase de desenvolvimento e aquisição das habilidades por parte do leitor e escritor. Sem dúvida, o trabalhador-professor precisará da assessoria e da orientação técnica de outros profissionais, assim a união de esforços e de conhecimento garantirá uma qualidade melhor ao trabalho desenvolvido.

Desse modo, o espaço para o desenvolvimento da leitura e da escrita, a sala de aula, podem apresentar dificuldades que precisam ser superadas para que os leitores e escritores, ou seja, alunos e alunas da EJA, possam ter uma educação melhor. Para isso, as práticas realizadas pelo professor que visam o desenvolvimento de habilidades e competências relativas à leitura e a escrita devem estar devidamente apoiadas em conhecimentos teóricos sobre a temática para que possa colocar em prática ações em prol da transformação do espaço e das oportunidades para o ato de ler e escrever nas escolas.

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Inicialmente, esta pesquisa, buscou maior aprimoramento a respeito do tema abordado nas contribuições de estudiosos que possibilitaram à construção de conhecimentos relevantes ao trabalho com a leitura e a escrita dos alunos da 1ª fase da EJA.

Para realização da coleta de dados, foi feito uso de entrevista e questionário com o educador e educandos da 1ª fase da EJA da Escola Estadual do Ensino Fundamental Antonio Pessoa, situada no centro, na cidade de João Pessoa, como amostragem para uma melhor compreensão da prática de leitura e de escrita desenvolvida por estes na EJA, com a intenção de analisar algumas dificuldades que interferem no ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual do Ensino Fundamental Antônio Pessoa, localizada na rua Beaurepaire Rohan, N – 149 Centro na cidade de João Pessoa no Estado da Paraíba. Na administração do estabelecimento de ensino está a gestora senhora Mércia de França Lopes e uma adjunta Maria Tereza Dias da Silva que auxiliam para um melhor atendimento ao público alvo.

A escola Antônio Pessoa possui uma estrutura física satisfatória, abrangendo um espaço físico propício ao número de alunos matriculados, um total de 257 estudantes, distribuídos em 13 turmas que funcionam nos turnos manhã, tarde e noite, atendendo ao público do ensino fundamental 1 e o programa Mais Educação e educação de jovens e adultos na 1ª e 2ª fase. A escola possui um quadro funcional de 34 funcionários distribuídos em diversas funções, que atendem os três turnos da escola em suas necessidades administrativas, pedagógicas, de conservação e manutenção do prédio. No turno noturno funcionam 05 turmas, sendo 03 da 1ª fase e 02 da 2ª fase da EJA, totalizando 128 alunos.

3.3 CONTEXTO DE ESTUDO

Foi selecionada para a realização da pesquisa a turma da EJA do 1º e 2º ano denominada 1ª fase do ensino fundamental, com 20 alunos matriculados, sendo que apenas 09 alunos participaram da entrevista. A escolha do 1º e 2º ano, para a realização da pesquisa, se deu por entender ser nesta etapa que os alunos estão desenvolvendo seus conhecimentos iniciais de leitura e escrita e onde se observou uma maior necessidade em priorizar o desenvolvimento da leitura e da escrita no processo de ensino e aprendizagem.

Nesta fase, é importante e necessário despertar no aluno o gosto pela leitura e o prazer em escrever, levando-o a compreender a relevância deste requisito para um melhor entendimento da realidade e para a construção de uma cidadania consciente, formada a partir de uma educação de qualidade.

3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Foi utilizado como instrumento de pesquisa a entrevista, realizada com os alunos do 1º e 2º ano da 1ª fase no período de outubro a novembro de 2013. Segundo Gil (2008), as entrevistas são muito utilizadas em estudos exploratórios com o propósito de proporcionar melhor compreensão do problema, gerar hipóteses e fornecer elementos para a construção de

instrumentos de coleta de dados, levando a investigar o tema em estudo com mais profundidade, principalmente nas pesquisas designadas qualitativas.

A entrevista realizada pode ser considerada estrutural, uma vez que constou de questões previamente preparadas pela pesquisadora. A entrevista foi escolhida como instrumento porque os alunos entrevistados ainda não estão totalmente alfabetizados. Sendo assim, a entrevista foi realizada individual e com ajuda da pesquisadora que lia as questões e escrevia as respostas dos alunos entrevistados. Algumas questões que fizeram parte da entrevista apresentaram sugestões de tipos de leitura e escrita, considerando o objetivo da pesquisa e outros do cotidiano deles.

Para a professora, o instrumento utilizado foi o questionário, entende-se que um conjunto de questões que são submetidas às pessoas com o propósito de obter informações, sendo assim, este instrumento foi propício para ajudar na coleta de dados, fornecendo por parte da professora os dados necessários para a análise das questões levantadas sobre o processo de ensino aprendizagem desenvolvido por ela em sala de aula.

Os alunos que cursam a 1ª fase estão fora da faixa etária, têm entre 15 e 70 anos, são jovens e adultos que por motivos diversos não tiveram acesso à educação na idade/série adequadas e quando sim, não tiveram estímulo suficiente para prosseguir nos estudos.

4. INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesse momento, passa-se a analisar e interpretar os dados coletados. Optamos por analisá-los de forma descritiva, visando discuti-los através das respostas transcritas do questionário, apoiando-se nas teorias que embasam esta pesquisa.

4.1 DADOS REFERENTES AO QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

Serão expostos aqui os dados obtidos por meio da aplicação do questionário a professora da 1ª fase, da Escola Estadual Antônio Pessoa contendo questões que ajudaram a analisar o perfil da professora.

A professora da turma tem 36 anos, é graduada em pedagogia com pós-graduação em supervisão e orientação educacional. Trabalha na educação há 11 anos, porém, com educação de jovens e adultos tem apenas 5 anos de experiência. Também trabalha em outra escola. Não ficou clara em suas resposta a atividade que desenvolve nos outros locais de trabalho.

Foi perguntado à profissional se gosta de ler e sua resposta a esta pergunta foi sim. Em seguida que textos prefere ler e a resposta foi: “jornalísticos, literários, instrucionais, bíblicos e informativos”.

Vale a pena lembrar que o compromisso do professor em fazer diversas leituras é de fundamental importância para o seu fortalecimento pessoal e profissional, visando a interação diária com a formação escolar e social de seres humanos, como nos diz Silva (2009, p. 26).

O fortalecimento da docência como profissão envolve, irrefutavelmente, a vivência e a incorporação de porções contínuas de leitura. O magistério, em termo de trabalho e de atualização está calcado em experiências de leitura. Por dever de ofício e por expectativa social, o professor tem na leitura, além de instrumento e de prática, uma forma de atuar ou agir, seja porque ele (o professor) simboliza leituras já realizadas e assimiladas, seja porque faz a mediação e informa leituras relacionadas à matéria que ensina, seja porque o conhecimento, para ser organizado e dinamizado, exige competências multifacetadas de leitura.

A leitura é indispensável para o aprimoramento dos conhecimentos e desenvolvimento das práticas pedagógicas do professor. Ajuda-o na organização, dinamização e preparação das atividades a serem desenvolvidas por ele no seu dia a dia em sala de aula e atualizado com as mudanças que vem passando o mundo globalizado.

Em seguida foi perguntado em que momento ela costuma ler e sua resposta foi: “sempre que planejo as aulas, nas horas vagas”.

O professor deve ler não somente para desenvolver um conteúdo em sala de aula, ou seja, uma leitura obrigatória, mas buscar fontes de leitura nas quais encontre prazer em ler, só assim contribuirá para se tornar um bom leitor e formar o hábito da leitura em seus alunos.

Quando perguntado se considera sua turma interessada nas propostas de leitura que faz, sua resposta foi vaga escrevendo: “às vezes”. Fico a pensar como um profissional que desenvolve uma prática de leitura com os alunos, conhece o perfil dos mesmos e, mesmo assim, não tem certeza se suas propostas pedagógicas para a leitura estão sendo aceitas. Que análise, esse profissional faz de suas práticas?

O professor deve criar propostas que estimulem a leitura, levando em consideração as vivências e necessidades dos alunos relativas à leitura, para que o hábito de ler possa ser incentivado nos discentes, como diz Bamberger (2008, p. 70).

É claro que o hábito, atividade regular, só será realidade se o indivíduo sentir que vale a pena; no caso em questão, se ele se der

conta do que a leitura poderá fazer pelos seus interesses pessoais profissionais e sociais. Isso começa com a satisfação de interesses e necessidades inatas, passa depois a percepção dos benefícios proporcionados pela leitura, para chegar finalmente a uma ligação regular com os livros. Só assim a leitura e os livros atingirão uma posição firme e permanente na hierarquia dos hábitos.

Segundo o autor, o indivíduo só irá se interessar pela leitura se esta tiver importância para seus interesses pessoais, como: ler placas, seu nome, ruas, cidades etc. A partir dessa leitura inicial, ele pode despertar para uma leitura mais crítica, onde poderá interpretar e compreender o sentido do texto e assim, desenvolver o gosto pela leitura, formando o hábito.

Sobre as práticas de leitura que usa em sua sala de aula a professora respondeu: “leitura compartilhada, onde todos participam, opinam, reconstroem o texto incluindo os seus pontos de vista”.

Outras práticas de leitura devem ser oportunizadas aos alunos, porque não existe turma homogênea, são sempre heterogêneas e, por isso, apresentam gostos diferentes. Além disso, a diversidade de práticas de leitura vai ajudar os alunos a interagirem melhor com as experiências que têm no trabalho e na sociedade. Sendo assim, o professor deve adequar as práticas aos diferentes gostos, tornando-os leitores conscientes e capazes de identificar diferentes gêneros textuais e compreendê-los.

Com relação à pergunta sobre os materiais didáticos utilizados para incentivar a leitura e a escrita dos alunos, sua resposta foi: “textos em xerox, cartazes, encartes, livros”. A ambientação da sala de aula contribui muito para desenvolver a leitura e a escrita. O professor deve lembrar que o aluno que ainda não lê e escreve ou que já o faz mecanicamente procura sempre suportes para aperfeiçoar essas habilidades e, assim, a sala de aula deve, além de quadro de giz e apagador, ser um ambiente estimulador com recursos visuais como: cartazes, cantinho de leitura, murais, relógio, tabelas, resultados de trabalhos etc. Nesse ambiente, o aluno vai encontrar suportes de leitura, podendo utilizá-los em suas dificuldades e prosseguir na sua formação como leitor.

Na questão sobre o tipo de textos que prefere trabalhar com os alunos, a professora respondeu: “os mais relacionados ao cotidiano deles”. Como diz Freire (1996, p. 30) “ensinar exige respeito aos saberes dos educadores”. Sendo assim, é importante relacionar os textos trabalhados com a realidade de vida dos alunos, o que torna as aulas mais interessantes e proveitosas, pois o interesse será maior e a facilidade de compreender também, uma vez que relacionarão a realidade concreta com texto escrito.

Uma outra questão foi: Quais atividades de leitura você considera que dão mais prazer aos alunos? Sua resposta foi precisa, “a leitura de textos relacionados ao seu dia-a-dia”.

A importância do respeito que o professor deve ter aos conhecimentos prévios que os alunos da EJA trazem consegue para a sala de aula é de fundamental importância para o desenvolvimento da leitura, pois relaciona a realidade a compreensão textual, dando a eles a oportunidade de construir novos conhecimentos e o prazer de organizar, discutir e ampliar seus conhecimentos a cerca do que lhe foi oportunizado através da leitura. Freire (1996, p. 47) “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Assim como a leitura, a escrita é fundamental no ensino aprendizagem dos alunos. Por isso também foram colocadas algumas questões no questionário respondido pelo professor sobre o ato de escrever, as quais vão ajudar na análise dos dados sobre o processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita nas turmas do Ciclo I.

Foi perguntado ao professor como ele trabalha a escrita e sua resposta foi: “focando os fonemas, com recursos visuais, com atividades simples, porém, estimuladores”.

Entendo que é importante e necessário que o aluno conheça os fonemas e memorize-os para o exercício de escrita, porém, eles devem ser assimilados, contextualizados para melhor compreensão do seu significado no desenvolvimento da habilidade de escrever. O aluno deve dar sentido à sua escrita, embora ainda não domine o sistema de escrita. Para Zilberman (2009, p. 32):

O trânsito da fala à escrita determina, portanto, o aparecimento de uma constelação específica de sinais um código característico, o das letras, cuja missão é assegurar de um lado a imobilidade do texto, condição de sua polissemia, vale dizer a possibilidade de se extraírem dele múltiplos sentidos a partir de sua organização interior.

Outra questão que constou no questionário foi relativa a importância de relacionar a leitura e a escrita. A professora respondeu com segurança “que é importante, pois ambas se complementam”.

É evidente que no desenvolvimento das habilidades de ler e escrever, as atividades devem intercalar momentos de leitura e momentos de escrita, não quer dizer que serão trabalhadas separadamente. Porém, é importante saber que a leitura e a escrita são diferentes e apresentam exigências diferentes, mas que devem ser desenvolvidas em conjunto para facilitar a compreensão dos alunos a respeito do som e da grafia das letras, palavras e textos.

Respondendo a questão de como identificar as dificuldades de escrita dos alunos, escreveu: “inicialmente, pela resistência que eles apresentam, quando são solicitados”. Esta resistência apresentada segundo a resposta da professora, pelos os alunos em relação à habilidade de escrever, baseia-se segundo Koch; Elias (2009, p. 33):

A essa visão de escrita, encontra-se uma concepção de linguagem como um sistema pronto, acabado devendo o escritor se apropriar desse sistema e de suas regras, compreendendo assim o medo que o aluno apresenta em escrever, sente-se inseguro por que não domina totalmente o sistema de escrita.

Esta resistência que os alunos apresentam quando são estimulados a escrever se deve ao fato deles não dominarem totalmente o sistema de escrita e sentem medo de errar. Portanto, o professor deve deixar claro que o exercício de escrever, mesmo com algumas incorreções, vai facilitar o convívio com as palavras e conseqüentemente a ampliação do aprendizado da escrita, ou seja, quanto mais exercitar a escrita mais domínio terá.

Quanto à questão sobre as maiores dificuldades que encontra no processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita, a professora respondeu: “a falta de recursos como o computador; a indisponibilidade de impressão de materiais, a falta de recursos audiovisuais que interessem aos alunos”.

Os recursos técnicos são muito úteis no desenvolvimento das aulas, pois enriquecem e valorizam o aprendizado, porém o recurso mais necessário para suprir as dificuldades dos alunos é a formação adequada do professor.

Para Lourenço Filho (2000, p. 124):

Por maior que sejam os recursos técnicos do professor, deverá ele lembrar-se de que necessita de grande dose de compreensão humana ou espírito de serviço social. Se a todo e a qualquer professor, necessários se tornam certas qualidades de segura intuição psicológica, nos que devem tratar com adultos essas qualidades, são de todo em todo imprescindíveis.

Os recursos técnicos e/ou didáticos, equipamentos são necessários e úteis no processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita, portanto o mais importante recurso é o humano, baseado na compreensão por parte do professor sobre a importância do compromisso que ele deve ter pelo trabalho que desenvolve. Com esta conscientização, as dificuldades dos alunos serão minimizadas, dando espaço para um aprendizado mais humano, interagindo sentimentos de união, autoestima, compreensão, promovendo uma educação de qualidade.

A última questão respondida pela professora se refere às ações que desenvolve para minimizar as dificuldades apresentadas pelos alunos no processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita. As ações citadas foram: “planejo atividades em que muitas vezes, pago pela impressão, troco ideias e sugestões com os colegas de trabalho”.

Buscar alternativas para minimizar as dificuldades dos alunos é necessário, pois cotidianamente acontecem situações em sala de aula que desafiam o professor. Sendo assim, é importante lançar mão de vários recursos didáticos, bem como, buscar a ajuda de outros profissionais da escola ou técnicos para melhorar suas práticas educativas e, assim, superar as dificuldades encontradas pelos alunos, ajudando-os a desenvolver as habilidades de ler e escrever com competência para fazer uso em suas vidas e não apenas para aprovação escolar.

A professora que leciona para estes jovens e adultos possui em sua formação acadêmica graduação em pedagogia, pós-graduação em supervisão e orientação educacional, cursos de formação continuada oferecidos pelo órgão estadual para o qual trabalha que favorecem um conhecimento atualizado para sua formação profissional e ajuda no desenvolvimento da sua prática pedagógica, oportunizando assim aos alunos condições melhores na aquisição e desenvolvimento dos conhecimentos necessários a sua formação acadêmica, social e cultural.

4.2 DADOS REFERENTES AOS QUESTIONÁRIOS DO ALUNO

4.2.1 Faixa etária, sexo e tempo de estudo na EJA

Dos 9 alunos entrevistados, 6 são do sexo feminino e 3 são do sexo masculino. Durante a entrevista, pude observar que as mulheres não frequentaram à escola na idade/série, porque ainda crianças, 03 das mulheres entrevistadas, tiveram que trabalhar em casas de famílias e que só na idade adulta vieram para a escola; 03 delas não teve acesso à escola. Como relata algumas alunas durante a entrevista:

A1. Não estudei antes, era do interior. Fui trabalhar nas casas, depois casei, criei meus filhos e agora é minha vez. Quero aprender a ler e escrever. Vou trocar meus documentos, porque já aprendi a escrever meu nome. (Aluna 01, 40 anos e 1 ano de estudo na EJA).

A7. Não estudei quando era criança, com 21 anos que comecei a estudar. Não sabia assinar meu nome, morava numa ilha chamado Forte velho... (Aluna 08, 29 anos e 1 ano de estudo na EJA).

Já os homens relataram quase na sua totalidade que tiveram acesso à escola na juventude, mas tiveram que abandonar para trabalhar e ajudar no sustento de sua família. Apenas 1 jovem relatou que estuda na EJA porque é mais tranquilo. Alguns relatos dos alunos durante a entrevista:

A 5. Estudei até o 4º ano quando era jovem, sabia ler e escrever e agora com a mudança da língua portuguesa, não sei mais e por isso voltei a estudar. (aluno 06, 60 anos, 2 anos de estudo na EJA).

A8. Durante o dia ajudo o meu pai na roça. Gosto mais de estudar a noite é mais tranquilo. Também ajudo minha mãe a fazer bolo. Eu leio e escrevo as receitas para ela. (aluno 06, 15 anos, 1 ano de estudo na EJA).

A9. Estudei até a 2ª série quando era jovem, deixei o estudo para ir trabalhar, depois de velho voltei a estudar e quero aprender muito na escola. (aluno 09, 50 anos, 2 anos de estudo na EJA).

Quanto à faixa etária, as alunas do sexo feminino tem entre 28 e 48 anos com tempo de estudo na EJA entre 1 e 3 anos. Os alunos do sexo masculino estão na faixa etária entre 15 a 67 anos, observei que existe uma grande diferença na faixa etária deste sexo, e o tempo de estudo na EJA varia entre 1 ano e 10 anos, isso se deve ao fato de iniciarem os estudos e não concluírem. Os alunos alegaram, durante a entrevista, que ficam cansados e não conseguem acompanhar as aulas, pois trabalham muito durante o dia. Arroyo (2006, p. 23) discutindo essa questão reitera que:

A EJA somente será reconfigurada se esse olhar for revisto. Se o direito à educação ultrapassar a oferta de uma segunda oportunidade de escolarização ou na medida em que esses milhões de jovens e adultos forem vistos para além dessas carências. Um novo olhar deverá ser construído, que os reconheça como jovens e adultos em tempos e percursos de jovens e adultos.

Um novo olhar deverá ser construído sobre esses jovens e adultos, que desejam terminar seus estudos, mas ainda encontram obstáculos nos horários disponibilizados pelos estabelecimentos de ensino da EJA. As escolas deveriam organizar os turnos, levando em consideração o horário de trabalho desses alunos, oferecendo assim condições de conclusão do ano letivo de alguns alunos que tem uma jornada de trabalho maior.

4.2.2 Gosto pela leitura

Quando perguntei aos alunos se gostam de ler, as respostas foram: 08 disseram sim, gostam de ler, embora, alguns apesar de expressarem a vontade de ler respondendo a questão com sim, relataram que ainda não sabem ler, apenas conhecem as letras do alfabeto e conseguem ler palavras compostas por sílabas simples. Um (01) aluno dos entrevistados respondeu que não gosta de ler, pois acha muito cansativo, ficando sonolento quando o faz.

A vontade de ler para fazer uso dessa habilidade em suas vidas é tão necessária que mesmo sem saber ler convencionalmente, tentam identificar e reconhecer as letras do alfabeto, sentindo prazer em realizar atividades de leitura que possa ajuda-los no desenvolvimento da leitura.

Em seguida, perguntei que textos preferem ler? Fiz a leitura dos tipos de textos e gêneros textuais indicados na entrevista, para que eles pudessem indicar suas preferências, as quais foram demonstradas na tabela abaixo, para melhor análise desta questão.

Tabela 1: Textos preferidos para ler

Tipos de textos e gêneros textuais sugeridos									
Alunos	Poesia	Fábula	Anúncio jornal	História	Crônica	Letra de música	Bula	Bíblia	Outro
A1	X	X	X			X	X	X	X
A2			X	X		X			X
A3	X	X		X	X				X
A4			X				X	X	X
A5			X			X		X	X
A6			X			X			X
A7				X					X
A8	X	X	X	X			X	X	X
A9						X		X	
Total	3	3	6	4	1	5	6	5	8

Fonte própria

Dentre a preferência dos alunos entrevistados a que teve maior índice de escolha foi anúncio de jornal com a escolha de 06 alunos, em seguida letras de músicas e a Bíblia indicado por 05 alunos. Durante a entrevista, os alunos destacaram em suas falas que gostam de ler os tipos de textos elencados acima. Quando indicaram o anúncio de jornal, justificaram afirmando que através dele ficam informados dos acontecimentos da cidade. Os que optaram

pela bíblia relataram a religiosidade e a letra de música foi escolhida, pois afirmaram que gostam muito de cantar e querem aprender a letra das músicas de sua preferência.

Além de demonstrarem suas preferências pela leitura dos textos sugeridos na entrevista, a maioria relatou o gosto por outros tipos de textos. Entre eles estão: “receitas de bolo, textos de livros didáticos, placas, nome e nº de ônibus, revistas de moda, reportagens e textos sobre o meio ambiente”, totalizando 08 alunos.

Percebe-se que ler é importante para a vida destes alunos quando demonstram a necessidade de fazer diversas leituras, colocando-os numa posição de cidadãos preocupados com o que acontece na realidade de suas vidas e também que são pessoas com gostos e exigências diferentes com relação aos tipos e gêneros textuais que gostam. Esses dados sinalizam para o professor a variedades de leituras que pode oportunizar aos seus alunos durante o desenvolvimento de atividades relacionadas à leitura, mostrando que a leitura esta presente em nossas vidas constantemente e de diversas formas.

4.2.3 Gosta de escrever?

Os resultados com relação a pergunta se gosta de escrever foram os seguintes: 07 alunos responderam que gostam de escrever, mas com algumas ressalvas como, “erro muito, não consigo entender algumas sílabas”, etc. Praticamente as mesmas dificuldades da leitura, o que me faz observar que a leitura e a escrita são interligadas podem e devem ser desenvolvidas ao mesmo tempo. Apenas 02 alunos, responderam que não gostam de escrever, justificando que acham muito difícil “passar para o papel o que lê”, por isso não gosta desta atividade.

As respostas dos alunos com relação as questões que tratam do gosto em ler e escrever, foram bem aproximadas quando 08 alunos dos entrevistados respondem que gostam de ler e 07 alunos também respondem que gostam de escrever. Isso leva a analisar que a leitura e a escrita deve ser trabalhada nesta turma, dando ênfase ao gosto dos alunos, explorando assim o entusiasmo dos mesmos, oferecendo uma variedade de oportunidades para o desenvolvimento do ato de ler e escrever.

Dei prosseguimento a entrevista perguntando aos alunos os tipos de textos que preferem escrever. Li as sugestões propostas na entrevista as quais estão na tabela abaixo para que pudessem escolher. As respostas foram as seguintes:

Tabela 2: Que tipo de textos gosta de escrever?

Alunos	Bilhetes	Cartas	Frases	Mensagens	Convites	Outros
A1			X			X
A2	X		X		X	X
A3			X	X		
A4					X	X
A5			X	X	X	X
A6			X			X
A7			X		X	X
A8	X	X	X	X	X	
A9			X			X
Total	2	1	8	3	5	7

Fonte própria

Pode-se observar na tabela acima, a preferência dos alunos entrevistados com relação ao tipo de texto que gostam de escrever. A escrita de frases foi escolhida por 08 alunos. Entendo que essa preferência pode ser influenciada pelas atividades sugeridas pelo professor durante as aulas e também, por ser atividade de linguagem escrita, dentre as outras sugeridas, a mais fácil para eles desenvolverem. Em relação à escrita de carta, pode-se observar que apenas 1 aluno, fez essa indicação. Acredito que esse aluno encontra-se em um nível de aprendizagem com relação à leitura e a escrita superior a de seus colegas, porque o mesmo aluno também optou por todas as outras sugestões de escrita feitas. E a escrita de carta exige um conhecimento maior.

Além das opções propostas na entrevista, 7 alunos relacionaram outros tipos textos que gostam de escrever, como: receitas de bolo, produção de textos, nomes de materiais de construção, nome de pessoas, atividades da sala de aula, o próprio nome. Acredito que este tipo de escrita faz parte do aprendizado já adquirido na sua vida diária e na escola.

4.2.4 Em qual atividade tem mais dificuldade: leitura ou escrita?

Nesta questão os resultados foram bem aproximados, onde 4 alunos responderam em leitura, porque acha muito difícil a leitura por ainda não dominar o sistema usado para

aprender a ler, já na escrita, 5 alunos apresentaram dificuldade maior em desenvolver a escrita, também porque não dominam totalmente a leitura e assim acham difícil desenvolver atividades relacionadas a escrita, segundo eles erram muito e ficam desestimulados. Como diz Smith (1983, p.13) em uma de suas conclusões sobre o ato de ler e escrever. “O escrever e o ler não deveriam ser ensinados como matérias ou disciplinas escolares, mas como habilidade o que os aprendizes precisam é saber como a redação e a leitura fazem sentido em suas vidas”.

Para o autor, o que deveria ser ensinado aos alunos é que além da memorização e decodificação dos símbolos gráficos, precisam expor suas ideias, opiniões, compreender o sentido que leitura e escrita tem em suas vidas, mesmo que quando forem ler ou escrever apresentem algumas dificuldades para desenvolver estas habilidades. É importante que saibam que estas dificuldades serão superadas durante o processo de aprendizagem. Só assim os aprendizes perderão o medo de ler e escrever.

Com relação a esta questão os alunos entrevistados não hesitarem em responder, colocando suas atividades preferidas desenvolvidas em sala de aula, que foram:

Tabela 3: Atividades que mais/menos gostam

Atividades que mais gostam	Alunos	Atividades que menos gostam	Alunos
Contas	4	Cópia do quadro	1
Situação problema	1	Religião	1
Pesquisa e escrita de palavras	6	Pesquisar palavras	1
Textos	1	Ditado	1
Gosta de todas	2	Contas	2
		Produção de textos	2

Fonte própria

Nesta questão pude analisar através das respostas dos alunos e com algumas indagações feitas por mim no momento da entrevista que as atividades desenvolvidas em sala de aula não são diversificadas, podendo estar relacionadas à prática educativa da professora.

Observando a tabela dos resultados de suas respostas com relação a questão perguntada, as atividades citadas por eles tanto as que mais gostam quanto as que menos gostam foram quase as mesmas atividades com algumas exceções, o que leva a pensar que não são oportunizadas a esses alunos aulas diferentes com outros recursos didáticos, mesmo

que sejam para trabalhar o mesmo conteúdo, precisam ser vivenciadas outras práticas para não ficar seus conhecimentos restritos a práticas corriqueiras de sala de aula.

4.2.5 Atividades de leitura e escrita que o professor realiza com frequência?

As respostas a esta questão confirmam minha análise quando os alunos entrevistados colocam que a atividade de leitura e escrita desenvolvida com frequência em sala de aula são: cópia; treino ortográfico, contas, pesquisa de palavras em textos; produção de texto e apenas uma atividade considerada diferente relatada por um aluno que envolve os dados pessoais dos mesmos, como o preenchimento de uma ficha cadastral.

Esta questão me ajudou a concluir a análise da questão anterior, podendo através dela perceber que as atividades relatadas pelos alunos não são diversificadas. Pelos dados dessa tabela e da anterior é possível analisar que as atividades desenvolvidas são quase sempre as mesmas.

Nesta questão, a entrevista sugeria algumas atividades importantes e necessárias aos alunos da 1ª fase. Perguntando a eles se gostariam que estas atividades fossem desenvolvidas com mais frequência em suas aulas diárias, obteve as seguintes respostas.

Tabela 4: Que atividades abaixo, gostariam que fosse realizada com maior frequência nas aulas?

Atividades sugeridas	A 1	A2	A 3	A 4	A 5	A 6	A 7	A8	A9
Leitura	X	X	X					X	X
Produção de textos		X			X	X		X	
Pesquisas	X	X	X	X			X		X
Discussão de temas									
Exercícios escritos									
Cópia de texto			X						
Trabalho em grupo	X	X		X	X	X	X	X	X
Outras			X	X			X	X	
Total por aluno	3	4	4	3	2	2	3	4	3

Fonte própria

As respostas dadas pelos alunos apontam para uma educação menos mecânica e/ou bancária quando 6 alunos entrevistados escolhem a opção “pesquisa”, demonstrando o desejo de buscar novas informações ou mesmo confrontarem os conhecimentos adquiridos com fontes novas e aprimorar seu aprendizado. Também demonstraram a necessidade de interagir com o outro quando 8 alunos marcam a opção “trabalho em grupo”, mostrando um avanço na questão social, pois quando realizam essa atividade desenvolvem habilidades interativas como: respeito a opinião do outro, a liderança, a sociabilidade e a autonomia. É com certeza uma atividade que deve ser desenvolvida em sala de aula com frequência.

Além das atividades sugeridas na entrevista, alguns alunos acrescentaram ditados e contas. Nesse momento, fiz uma intervenção dizendo que essas atividades, segundo suas respostas na questão anterior já eram proporcionadas com frequência pela professora. Os alunos complementaram a resposta dizendo que essas atividades eram preferidas por eles por serem mais fáceis de fazer e com elas eles aprendiam mais rápido.

4.2.6 De que forma a aprendizagem da leitura e da escrita pode ajudá-los na sua vida? Como?

Todos, sem exceção, responderam que sim. Afirmaram que a leitura e a escrita são muito importantes em suas vidas, pois ela pode ajudá-los em diferentes situações, conforme o que citaram:

- A1. É fácil conseguir as coisas. Fazer cartões, assinar no banco, olhar o papel de luz, de energia e os cartão.
- A2. Na ajuda das tarefas dos filhos, saber me conduzir na cidade, nos bancos, pegar o transporte, fazer compras.
- A3. Em tudo. No trabalho, lê jornais, cartas, escrever uma música.
- A4. Mais oportunidade de emprego, convivência com as pessoas. É tudo de bom.
- A5. No trabalho, oportunidade de melhorar na profissão, comunicar com os familiares por meio de carta.
- A6. Para me comunicar melhor, ter um melhor entendimento das coisas.
- A7. Procurar um emprego e ter um emprego melhor.
- A8. No emprego, me conduzir em lugares desconhecidos, pegar transportes e nas tarefas dos filhos.
- A9. Arrumar um emprego, no seu comércio, melhorar na leitura da Bíblia.

As respostas que os alunos deram à esta questão, não deixam dúvidas de quanto o ato de ler e escrever é importante e necessários à suas vidas. Talvez seja este o maior estímulo que encontram para voltar aos bancos da escola depois de tanto tempo fora, sentem a falta que estas habilidades fazem na realização de atividades cotidianas em suas vidas, como algumas que citaram acima. Assim, o processo de ensino aprendizagem de leitura e de escrita nas salas de aula da EJA deve ser desenvolvido, levando em consideração, os anseios e expectativas desse público já tão desfavorecidos de oportunidades de escolarização, oferecendo assim uma educação pautada em práticas pedagógicas renovadas, que venha desenvolver nos alunos, a construção de um aprendizado em leitura e escrita que possa ajudá-los na realização de atividades cotidianas, dando mais sentido e independência a suas vidas.

Na maioria das vezes, deixam a escola para ir à procura de trabalho para manter a família. Outros motivos que os afastam da escola são: a condição social, estrutura familiar, o déficit no ensino aprendizagem escolar e a falta de motivação suficiente que os levem a valorizar a educação. Esses fatos acabam por motivar os alunos a abandonarem a escola na infância.

Mais tarde, já crescidos entendem e sentem a falta que o conhecimento educacional faz em suas vidas, e com essa compreensão, voltam a escola em busca de formação que promova sua ascensão intelectual, pessoal e profissional. Muitos veem a escola como um lazer, um refúgio, um lugar para sair de casa, passear, fazer amizades, uma diversão e ainda tem aqueles que querem aprender para ajudar os filhos.

A professora que leciona para estes jovens e adultos possui em sua formação acadêmica graduação em pedagogia, pós-graduação em supervisão e orientação educacional, cursos de formação continuada oferecidos pelo órgão estadual para o qual trabalha que favorecem um conhecimento atualizado para sua formação profissional e ajuda no desenvolvimento da sua prática pedagógica, oportunizando assim aos alunos condições melhores na aquisição e desenvolvimento dos conhecimentos necessários a sua formação acadêmica, social e cultural.

5. CONCLUSÃO

As conclusões após a realização deste trabalho foram as seguintes:

- Foi constatada nesta pesquisa que as dificuldades apresentadas pelos alunos em leitura e escrita, advêm da ausência de práticas pedagógicas que estimulem e despertem o prazer em aprender a ler e escrever.
- Observou-se que os alunos sentem a necessidade da leitura e da escrita em seu aprendizado, demonstrando em suas respostas o gosto em ler e escrever vários gêneros textuais, sentindo falta ainda de diferentes atividades em sala de aula.
- O professor demonstrou sua preocupação com a dificuldade de formar o hábito de ler e escrever em seus alunos. Porém, em nenhum momento tomou para si a responsabilidade com a formação nos educandos dessas habilidades, preferindo jogar “a culpa” na escola. Isso fica claro quando escreve “que a mesma não dispõe de recursos didáticos para ajudá-los nesta tarefa e que muitas vezes usa seus recursos financeiros para poder disponibilizar materiais didáticos as aulas e assim enriquecê-las”.
- Pode-se compreender que a escola como um todo e em especial o professor que trabalha na EJA, ainda não se conscientizou da importância que a leitura e a escrita têm na formação de todos os educandos e, principalmente, dos alunos da EJA. Alunos estes que trazem consigo uma riqueza em conhecimento prévios sobre os mais diversificados temas, pois eles participam da realidade do mundo diariamente e em todos os momentos de suas vidas a leitura e a escrita estão presentes e se fazem necessários para que desenvolvam e ampliem seus conhecimentos. Assim, a escola não pode e nem deve vê-los como indivíduos “vazios”, sem conhecimento nenhum ou apenas como receptores, julgando-se assim como a detentora do saber.

6. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** In: SOARES, L.; (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar hábito de leitura.** São Paulo: Ática, 1995.

BILGER, Mireille. **Escrever melhor: técnica da redação.** In: TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana (Org.). **Além da Alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática.** São Paulo: Ática, 1997.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação de Jovens e Adultos. Secretaria de Estado e Cultura: Coordenadoria de Educação de Jovens e Adultos. 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa,** 1998.

_____. **Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº 9.394 de 26 de Dezembro de 1996.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. **Conhecimentos de Língua Portuguesa.** Ministério da Educação. Brasília. A Secretaria. 1999.

FILHO, Lourenço. **O Problema da Educação de Adultos.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 81, n. 197, p. 116-127, Jan./Abr. 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23. ed. São Paulo: Cortez. 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KLEIMAN, Ângela B; SIGNORINI, Inês (orgs.). **O Ensino e a formação do professor: Alfabetização de Jovens e Adultos**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2001.

MARQUES NETO, José Castilho. **Políticas Públicas de leitura e a formação de mediadores**. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho, ROSING, Tânia M. K. **Mediação de leitura: discussões e alternativas para formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). A pesquisa qualitativa. In: **Pesquisa Social- Teoria, Método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NEMIROVSKY, Myriam. **Ler não é o inverso de escrever**. In: TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana (org). **Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática**. São Paulo: Ática, 1997.

SANTOS, Fabiano dos; ROSING, Tânia M. K. **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

SMITH, Frank. *Writing and the writer*. **Nova York, Holt Rinehart and Winston**, 1983.

SOARES, Leôncio. **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1994.

TOLCHINSKY, Liliana. Desenhar, escrever, fazer números. In: TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana (org). **Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática**. São Paulo: Ática, 1997.

VARGAS, Suzana. **Leitura: uma aprendizagem de prazer**. 3. ed. Rio de Janeiro: Olímpio, 1997.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. In: ROSING, Tânia M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A



Universidade Estadual da Paraíba
Curso de Especialização em práticas pedagógica em Educação Profissional integrada à
Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos

Caro (a) aluno (a), esta entrevista tem por objetivo oferecer subsídio para a pesquisa sobre: **Leitura e escrita no processo ensino aprendizagem do aluno da EJA**, desenvolvido no Curso de Especialização em Práticas pedagógico em Educação Profissional integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos. Assim sendo, elaboramos esta entrevista para colhermos informações sobre a leitura e a escrita na EJA, pois acreditamos ser de fundamental importância esta atividade para nossa pesquisa.

Agradecemos imensamente sua colaboração.

Entrevista com os Alunos

1. Dados Pessoais:

Nome: _____

Sexo: Masculino () Feminino ()

Idade:

Tempo de estudo:

Dados relativos à pesquisa :

2. Você gosta de ler? () Sim () Não

3. Que tipo de textos prefere?

4.

() Poesia

() Fábulas

() Cordel

() Anúncio de jornal

() Histórias

() Crônicas

() Letras de músicas

() Bula de medicamentos

() Bíblia

() Outros

Quais: _____

5. Você gosta de escrever? () Sim () Não

6. Que tipo de texto você gosta de escrever?

- Bilhete
- Cartas
- Frases
- Mensagens
- Convites
- Outros: _____

7. Em que atividade tem mais dificuldade: leitura escrita

8. Cite uma atividade que envolve a leitura e a escrita que mais gosta de realizar em sala de aula?

Uma que não gosta?

9. Qual a atividade de leitura e escrita que seu professor realiza com frequência?

10. Entre as atividades abaixo, quais gostaria que tivesse mais nas aulas?

- Leitura
- Produção de textos
- Pesquisas
- Discussão de temas
- Exercícios escritos
- Cópias de textos
- Trabalhos em grupo
- Outros: _____

11. Você acha que o aprendizado da leitura e da escrita poderá ajudá-lo (a) na sua vida?

Sim Não

Como?

APÊNDICE B



Universidade Estadual da Paraíba

Curso de Especialização em Práticas pedagógicas em Educação Profissional integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos

Caro (a) professor (a), este questionário tem por objetivo oferecer subsídio para a pesquisa sobre: **Leitura e escrita no processo ensino aprendizagem do aluno da EJA**, desenvolvido no Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas em Educação Profissional integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos. Assim sendo, elaboramos este questionário para colhermos informações sobre a leitura e a escrita na EJA, pois acreditamos ser de fundamental importância esta atividade para nossa pesquisa.

Desde já, agradecemos imensamente sua colaboração.

Questionário

1. Dados pessoais:

Nome:
Idade:
Formação:
Tempo que trabalha na educação:
Tempo que trabalha com a EJA:
Trabalha em outro lugar:

Dados Profissionais:

2. Gosta de ler: _____

3. Que textos prefere?

- () Jornalísticos
- () Literários
- () Instrucional
- () Epistolar
- () Informativos
- () Outros: _____

4. Em que momento costuma ler:

5. Você considera sua turma interessada nas propostas de leitura que faz?

6. Que práticas de leitura você usa em sua sala de aula?
7. Que materiais didáticos você utiliza para incentivar a leitura e escrita dos alunos?
8. Que tipos de textos você prefere trabalhar com os alunos?
9. Que atividades de leitura você considera que dão mais prazer aos alunos?
10. Como você trabalha a escrita?
11. Você acha importante relacionar a leitura e a escrita?
12. Como você identifica as dificuldades de escrita dos alunos?
13. Quais as maiores dificuldades que você encontra no processo de ensino – aprendizagem de leitura e escrita?
14. Que ações você desenvolve para minimizar estas dificuldades?